



Veredas atemática

Volume 19 nº 2 – 2015

O uso de Protocolos Verbais na investigação do processo de interpretação simultânea do Português para Libras

Carlos Henrique Rodrigues (UFSC)

RESUMO: Neste artigo, discutimos o uso dos *Think-aloud Protocols* (TAPs) como importante método de coleta de dados do processo de interpretação simultânea intermodal. Para tanto, tomamos como base a construção do desenho experimental de uma pesquisa que investigou a interpretação simultânea do Português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Com isso, apresentamos o uso dos protocolos verbais na coleta de dados para a pesquisa, problematizamos alguns aspectos dessa coleta e refletimos sobre suas peculiaridades. Vimos que os protocolos verbais retrospectivos foram muito produtivos, pois evidenciaram, com mais detalhes, aspectos inferenciais e contextuais relevantes à compreensão do processo de interpretação simultânea (Português-Libras).

Palavras-chave: protocolos verbais; processo de tradução; interpretação simultânea; língua de sinais; libras.

Introdução

Cada vez mais, os protocolos verbais têm sido usados na investigação do processo de tradução e de interpretação, visto que contribuem com o acesso às reflexões subjetivas acerca da atividade de tradução, possibilitando que se façam inferências acerca das escolhas, das tomadas de decisão e da solução de problemas assumidas pelos tradutores e intérpretes. Originalmente, os *Think-aloud Protocols* (TAPs), protocolos verbais, fazem parte do conjunto de métodos introspectivos empregados pelas pesquisas em psicologia, os quais têm o objetivo de obter informações sobre os processos mentais não observados diretamente, tais como os pensamentos, os sentimentos e as intenções dos sujeitos (DÖRNYEI, 2007; JÄÄSKELÄINEN, 1998).

Considerando que as pesquisas do processo de tradução e de interpretação do Português para Libras constituem-se como um tema de crescente interesse da comunidade acadêmica e como uma área carente em estudos empíricos, esse artigo pretende contribuir com futuras pesquisas processuais da interpretação, mais especificamente da interpretação simultânea intermodal Português-Libras, por meio da problematização do uso dos protocolos verbais na coleta de dados. Nesse sentido, com base no processo de constituição da metodologia de uma pesquisa empírico-experimental, oferecemos algumas reflexões e ponderações sobre os benefícios e os possíveis riscos do emprego de protocolos verbais para coleta de dados processuais.

1. Os Protocolos Verbais e seu uso na investigação de processos tradutórios

Os TAPs, conhecidos em Português como Protocolos Verbais, Protocolos Introspectivos, Relatos Introspectivos, Protocolos de Pensamento em Voz Alta ou, simplesmente, Protocolos em Voz Alta, são uma técnica/método de coleta de dados que consiste no relato dos sujeitos acerca da tarefa que estão realizando ou que já realizaram. Nesse sentido, o sujeito relata verbal e descritivamente seus pensamentos, impressões, intenções, decisões, sentimentos e procedimentos, por exemplo, durante a realização de uma determinada atividade (protocolos simultâneos/ concomitantes) ou após concluí-la (protocolos retrospectivos).

Ericsson e Simon (1984, 1993) afirmam que os TAPs¹ possibilitam o acesso, ainda que indireto, aos processos cognitivos humanos mostrando-se como uma eficaz ferramenta de abordagem dos processos mentais. A maneira de se coletarem os TAPs pode variar, mas, independentemente da maneira pela qual são coletados, eles pressupõem o relato em voz alta de todos os pensamentos que ocorrem durante a execução de determinada tarefa. Tais relatos fornecem pistas para as inferências do pesquisador sobre os processos cognitivos e inferenciais que subjazem, no nosso caso, a tarefa tradutória. Embora não tenham pesquisado o uso dos TAPs na investigação da tradução, os estudos de Ericsson e Simon (1984, 1993) contribuíram significativamente para a validação dos TAPs como importante ferramenta de coleta de dados cognitivos. Segundo Gonçalves (1998, p.46),

os protocolos verbais utilizam-se de manifestações metacognitivas para abordarem processos cognitivos. Essas manifestações metacognitivas, por sua vez, possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos [cognitivos].

¹ Vale destacar que desde a publicação dos estudos de Ericsson e Simon (1980), o termo ‘*talk-aloud*’ parece ter-se perdido e os autores da área passaram a se referir ao processo de verbalização, seja de ‘pensar’ ou ‘falar em voz alta’, como ‘*think-aloud*’, mesmo que esses autores concordem que o mais desejável seja a verbalização do conteúdo da memória de trabalho da maneira que lá se apresenta, sem que haja necessidade de uma interpretação desse conteúdo.

Jääskeläinen (1998) afirma que o TAP é o método mais popular empregado na investigação do que se passa na mente do tradutor/intérprete enquanto realiza sua tarefa, ou seja, na investigação da “caixa preta” do processo de tradução. Segundo ela,

embora os protocolos verbais não possam nos ajudar a desvendar todos os mistérios da tradução, eles fornecem acesso à informação valiosa sobre a natureza do traduzir. Outros métodos de aquisição de tal informação incluem entrevistas, questionários e equipe de tradução (tradutores trabalhando em pares ou pequenos grupos; House 1988, Matrat 1995). Evidência complementar coletada de diferentes fontes é suscetível de prover um quadro mais completo e confiável dos conteúdos da ‘caixa preta’ (JÄÄSKELÄINEN, 1998, p.267, *tradução nossa*).

Jakobsen trouxe importantes contribuições à abordagem processual nos Estudos da Tradução com sua pesquisa sobre o efeito do uso dos protocolos verbais, nesse caso os simultâneos/concomitantes, sobre a tradução (JAKOBSEN, 1999, 2003). Em suas pesquisas, Jakobsen (2003) percebeu que os tradutores produziam segmentações mais curtas e trabalhavam em média 25% mais lentamente quando os TAPs usados eram os concomitantes. Segundo ele, o estudo realizado indicou que “[...] a influência dos protocolos verbais nos processos de tradução é bastante considerável. Ainda que nos force a rever as suposições sobre o seu uso para os propósitos das pesquisas em tradução, o estudo de forma alguma o invalida como método de pesquisa” (JAKOBSEN, 2003, p.93).

Além de Jakobsen (1999, 2003), outros pesquisadores da tradução, tais como Krings (1986), Færch, Kasper (1987), Gerloff (1987), Jääskeläinen (1998), Lörcher (1991; 1992), bem como pesquisadores brasileiros, Alves (1995; 1996; 1997), Alves e Gonçalves (2003), Alves, Magalhães e Pagano (2002), Gonçalves (1998; 2003) e Carvalho Neto (2010), empregaram os TAPs em sua coleta de dados. Lörcher (2002, p.98) considerou que o “protocolo verbal é uma ferramenta útil à coleta de dados sobre processos mentais em geral e sobre processos de tradução em particular, se levarmos em conta as condições sob as quais os dados são externalizados e suas inerentes limitações” (*tradução nossa*).

É importante considerar, portanto, que há uma discussão acerca da sobrecarga cognitiva provocada pela coleta de TAPs concomitantes e sua interferência na tarefa de tradução. Alves (2003, p.76), considerando os dados de suas pesquisas, argumenta que os TAPs retrospectivos são de fato produtivos na investigação do processo tradutório no sentido de que eles “são capazes de destacar de forma mais detalhada relatos processuais que refletem aspectos inferenciais e contextuais relevantes para a solução de problemas e tomadas de decisão em tradução”. Alves (2003) corrobora as argumentações de Fraser (1996) acerca do fato de os TAPs retrospectivos possibilitarem a obtenção de dados mais consistentes sobre as dificuldades dos tradutores durante o processo de tradutório.

Vale destacar, também, que uma das maiores críticas à coleta dos protocolos verbais está no fato de que, segundo seus críticos, através deles não é possível o acesso imediato aos processos cognitivos automáticos (TIRKKONEN-CONDIT, 1991, SÉGUINOT, 1996 apud ALVES, 2003; COHEN, 1998 apud DÖRNYEI, 2007). Na verdade, tem-se, através dos protocolos verbais retrospectivos, acesso àquilo que os sujeitos pensam ter feito durante a execução de sua atividade tradutória. Dito de outro modo, com os TAPs acessam-se reflexões subjetivas acerca da atividade de tradução, possibilitando que se façam inferências acerca das escolhas, tomadas de decisão e solução de problemas assumidos pelos sujeitos.

Com base no exposto acima, é possível verificar que os TAPs já possuem um uso consagrado na investigação do processo de tradução. Entretanto, no que se refere à investigação do processo de interpretação é mais recorrente e tradicional o uso de outros métodos de introspecção. Isso se deve, em parte, a impossibilidade de o intérprete verbalizar durante a realização da tarefa interpretativa, fato que inviabiliza o uso dos TAPs concomitantes.

2. Os Protocolos Verbais na investigação do processo interpretativo

Considerando essa impossibilidade de coleta dos TAPs concomitantes, os pesquisadores do processo de interpretação empregam diferentes métodos na investigação desse processo. Segundo Shlesinger (2000, p.3, *tradução nossa*) “embora o interesse em observar os processos cognitivos e espiar o interior da ‘caixa preta’ seja um grande anseio, tanto no caso da interpretação quanto no da tradução, os métodos não podem ser sempre os mesmos”.

Com base nesse entendimento, Shlesinger (2000) defende o uso de relatos retrospectivos imediatos (*immediate retrospective accounts*) os quais são coletados durante a atividade interpretativa, por meio da interrupção momentânea do intérprete com questões acerca de seu raciocínio imediatamente anterior à interrupção. Contudo, a autora reconhece que a técnica só pode ser empregada em situações experimentais e que “existem boas razões para suspeitar, entretanto, que o simples ato de interromper o processo o alterará” (SHLESINGER, 2000, p.3, *tradução nossa*).

Já Vik-Tuovinen (2000), inspirando-se nos TAPs usados na investigação do processo tradutório, emprega comentários retrospectivos (*retrospective comments*) realizados durante os intervalos da atividade interpretativa, momentos em que os microfones estavam desligados e que ocorriam diálogos entre os intérpretes ou, até mesmo, monólogos. Assim, investiga o que os intérpretes dizem, nesses momentos de pausa da interpretação simultânea, sobre o texto fonte, a interpretação, o(s) orador(es), o evento ou ao ato de interpretar.

Tanto a proposta de Shlesinger (2000) quanto a de Vik-Tuovinen (2000) são muito próximas aos TAPs retrospectivos. Ambos propõem a coleta de relatos em momentos de pausa da atividade interpretativa. Shlesinger, interrompendo a tarefa e coletando o relato de forma imediata, num curto intervalo de tempo entre a atividade e o relato sobre ela. E Vik-Tuovinen, realizando a coleta de comentários no momento em que a mesma é interrompida naturalmente. É importante destacar que os TAPs retrospectivos, tal como serão apresentados neste artigo, permitem que, por um lado, se evite a sobrecarga cognitiva e, por outro, não se interrompa o processo de interpretação.

Ianova (2000) destaca que as pesquisas em interpretação simultânea foram mais reticentes em colocar os protocolos como ferramenta central de coleta de dados devido à combinação de dois fatores principais: (a) o fato de a simultaneidade do processo não permitir o uso imediato da introspecção e (b) de o produto da interpretação simultânea fornecer relativamente mais informações sobre os processos cognitivos subjacentes do que a tradução, visto que

variáveis temporais, tais como o *ear-voice-span* [lapso de tempo entre a fala do orador e sua interpretação na língua alvo], têm sido interpretadas como uma medida da quantidade de processamento envolvido (Barik 1973; Gerver

1971; Anderson 1994). Gravações na LA [língua alvo] contêm outra evidência dos processos de tomada de decisão do intérprete na forma de falsas partidas e correções. Dados de desempenho têm, também, sido obtidos comparando-se a precisão do TA [texto alvo] em contraste com o TF [texto fonte] (Dilinger 1989), os quais têm sido complementados por rememoração e reconhecimento de dados (Gerver 1974; Lambert 1985; Dilinger 1989) (IANOVA, 2000, p.30, *tradução nossa*).

Com a difusão e intensificação do uso de métodos introspectivos na investigação do processo tradutório e do interpretativo, pesquisadores da interpretação simultânea, tais como Ianova (2000), decidiram explorar mais intensamente o potencial de esses métodos introspectivos, nesse caso os métodos retrospectivos, fornecerem dados adicionais sobre o processamento cognitivo. Segundo Alves (2003, p. 76),

verbalizações retrospectivas são capazes de destacar de forma mais detalhada relatos processuais que refletem aspectos inferenciais e contextuais relevantes para a solução de problemas e tomadas de decisão em tradução [...] o uso de protocolos retrospectivos é mais produtivo para fins da investigação de relatos inferenciais e mais estruturado por parte dos tradutores sujeitos.

Enfim, o emprego desses diferentes métodos tem, também, dado maior visibilidade aos TAPs em meio aos métodos retrospectivos, ampliando as reflexões em torno de seu potencial e viabilidade na investigação da interpretação simultânea.

3. Os protocolos verbais e a interpretação simultânea

Considerando os aspectos apresentados acima, em relação ao uso dos TAPs na investigação dos processos tradutório e interpretativo, apresentaremos uma reflexão sobre o uso dos TAPs na investigação do processo de interpretação simultânea do Português oral para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Explanaremos a trajetória da construção do desenho experimental da pesquisa e como, após reflexões acerca das potencialidades e limitações do uso de protocolos verbais, optamos pelos protocolos retrospectivos, considerando-os mais viáveis e adequados, nesse caso, à investigação da interpretação simultânea. Além disso, apresentaremos aspectos específicos da coleta de dados com os protocolos verbais retrospectivos e problematizaremos algumas de suas características e especificidades.

Com o propósito de melhorar a recuperação do processamento cognitivo ocorrido durante o processo de interpretação simultânea, optou-se por oferecer, como insumos de apoio a tal recuperação, o texto fonte por escrito e a interpretação em língua de sinais, em vídeo, junto ao seu áudio, em Português. O oferecimento do texto fonte por escrito, segmentado em partes devidamente enumeradas e com indicação do tempo em que acontecem, teve como propósito facilitar a manipulação e a localização de trechos da interpretação. Diante de dúvidas, os intérpretes poderiam, com base no tempo indicado em cada parte, localizar o momento da interpretação, além de poderem visualizar o texto por escrito.

Portanto, apresentaremos, nas próximas seções, o uso dos TAPs na investigação da interpretação simultânea do Português para a Libras e refletiremos sobre a especificidade da coleta de protocolos verbais que envolvem línguas de diferentes modalidades: vocal-auditiva

e gesto-visual. A opção pelo uso de TAPs retrospectivos considerou que é inviável a coleta de TAPs concomitantes à tarefa de interpretação simultânea do Português para a Libras. Além disso, os protocolos retrospectivos não interferem no ritmo cognitivo dos intérpretes, não gerando nenhuma sobrecarga cognitiva, visto que são coletados imediatamente após a realização de toda tarefa, não a interrompendo.

Vale destacar que empregamos a triangulação dos dados, pois ela permite que se solucionem as possíveis discrepâncias existentes entre aquilo que os sujeitos fizeram durante a tarefa e aquilo que eles acreditam ter feito. Assim sendo, os TAPs, no caso os retrospectivos imediatos, fornecem relevantes pistas a respeito do que acontece cognitivamente durante o processo tradutório ou interpretativo (ERICSSON; SIMON, 1984; JAKOBSEN, 2002, 2003), as quais podem ser potencializadas pela análise de diversos aspectos do texto alvo em relação ao texto fonte.

4. A relevância da triangulação dos dados na investigação

A triangulação de dados foi empregada, primeiramente, nas Ciências Sociais como uma proposta de uso de múltiplos métodos de pesquisa, os quais possibilitam diferentes perspectivas de coleta e de análise de dados, unindo métodos qualitativos e quantitativos em uma mesma pesquisa. Segundo Denzin (1989), existem diversas maneiras de se realizar a triangulação em uma pesquisa: a *triangulação de dados* (envolve a coleta de dados em diferentes tempos, espaços e populações), a *triangulação do pesquisador* (envolve múltiplos pesquisadores investigando um mesmo fenômeno), a *triangulação teórica* (envolve o uso de mais de uma teoria na interpretação de um fenômeno) e a *triangulação metodológica* (envolve o uso de mais de um método para se investigar o fenômeno, tanto na coleta quanto na análise dos dados).

No campo dos Estudos da Tradução, a triangulação foi inicialmente utilizada por Jakobsen (1999). Ele empregou métodos qualitativos e quantitativos de análise e de coleta de dados em suas pesquisas sobre o processo tradutório. O uso da triangulação visa suprir as fraquezas de cada um dos métodos de pesquisa e, assim, corroborar a validade e confiabilidade da pesquisa (JOHNSON, 1992). Acredita-se que investigar um mesmo objeto através de dados coletados e interpretados a partir de métodos e perspectivas diferentes aumenta, por analogia, as chances de sucesso da pesquisa no que se refere à observação, compreensão e explicitação do fenômeno interpretativo (ALVES, 2001, 2003).

Outro aspecto importante que contribui com a triangulação de dados é o cuidado de se manter a validade ecológica² na coleta dos dados processuais. Assim como Alves (2005), acreditamos que para assegurar confiabilidade à investigação de processos tradutórios, a pesquisa deve se pautar em critérios de validade ecológica. Nesse sentido, utilizaremos como base de reflexão sobre o uso de TAPs na investigação do processo de interpretação simultânea, uma pesquisa, ancorada em uma perspectiva de triangulação de dados, que buscou garantir sua validade ecológica, através da reconstrução de condições similares àquelas encontradas numa situação real de interpretação.

² A validade ecológica relaciona-se à concepção de que o experimento deve procurar garantir, no caso da pesquisa proposta, que a interpretação seja em ambiente natural, sem a interferência de fatores que possam coibir a naturalidade da tarefa que está sob investigação ou, no mínimo, permitir que as condições de produção da interpretação aproximem-se, ao máximo, à situação real de interpretação (FRASER, 1996; ALVES, 2001, 2003, 2005).

5. A pesquisa e o uso dos Protocolos Verbais Retrospectivos

Para a definição da metodologia a ser empregada na pesquisa que tomaremos como base de nossa reflexão, realizamos, no primeiro semestre de 2009, um *estudo exploratório* e, no segundo semestre de 2011, uma *pesquisa-piloto*, ambos de caráter empírico-experimental³. O *estudo exploratório* e a *pesquisa-piloto*⁴ pretenderam apontar parâmetros metodológicos para a construção de um desenho experimental adequado à coleta e à análise de dados processuais com um maior número de sujeitos, definindo o tipo de texto e considerando a modalidade gesto-visual da Libras, uma das línguas do processo de interpretação simultânea.

Alves (2005, p.110) ressalta que as investigações empíricas do processo de tradução demandam desenhos experimentais capazes de controlar variáveis específicas, tais como

(i) o tipo de texto utilizado; (ii) o perfil dos tradutores – experientes, novatos, bilíngues; (iii) aspectos estratégicos, tais como o uso de fontes de consulta, a solução de problemas e processos de tomada de decisão; (iv) condições de produção, quais sejam, informações sobre especificidades da tarefa de tradução (*brief*), o público-alvo e restrições mercadológicas; e (v) aspectos cognitivos, como pressão de tempo, e o papel da memória e de outros mecanismos de apoio interno, por exemplo, processos inferenciais.

Considerando as pesquisas realizadas numa perspectiva processual e as variáveis citadas acima, foi possível perceber que não há uniformidade metodológica nessas pesquisas, visto que cada uma se vale de variáveis específicas. Assim, elaboramos, numa perspectiva empírica, uma coleta de dados que, embora se baseie em pesquisas anteriores, visou refletir sobre a complexidade e especificidade do processo de interpretação simultânea entre línguas de modalidades distintas: vocal-auditiva e gesto-visual.

5.1. O estudo exploratório

Para a realização do estudo exploratório, foram selecionados seis intérpretes – três novatos e três experientes – para realizarem a seguinte tarefa: interpretação simultânea para a Libras de um texto em Português veiculado na mídia em uma campanha promovida pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos, do Governo Federal, em 2006. Analisou-se o produto da interpretação com o apoio dos TAPs retrospectivos, coletados com o intuito de se perceberem as vantagens e as desvantagens de seu uso e, também, quais insumos (oferecidos ao intérprete no momento de coleta dos protocolos) poderiam potencializar a menção de aspectos processuais relacionados à realização da tarefa. Além dos protocolos, contou-se com

³ Pagano (2001, p.9) ao discutir a natureza das pesquisas processuais no âmbito dos Estudos da Tradução e sua necessidade de encontrar formas novas e mais apropriadas de se coletar e analisar dados, afirma que as pesquisas empírico-experimentais em tradução tomam a noção de experimento como “uma situação controlada, em que as coisas não acontecem como na vida real do tradutor”, portanto, “a observação do fenômeno tradutório sob essa percepção do experimental aponta para uma crescente maturidade nas reflexões metodológicas nos Estudos da Tradução”.

⁴ Vale destacar que todos os participantes do estudo exploratório e da pesquisa-piloto assinaram um Termo de Consentimento aceitando participar da pesquisa sendo devidamente informados do uso dos dados e da manutenção do sigilo, conforme orientações do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais.

informações coletadas por meio de entrevista.

A tarefa foi realizada individualmente e em espaço reservado. Seguiu-se o seguinte roteiro: (1) disponibilização do texto escrito para leitura prévia (durante no máximo 5 minutos); (2) apresentação do texto fonte em vídeo ao intérprete (no máximo duas vezes); (3) interpretação simultânea (registro em vídeo); (4) contato com a interpretação realizada (como fonte de insumo dirigido) e coleta dos TAPs retrospectivos (registro em vídeo). É importante esclarecer que a validade ecológica da tarefa foi assegurada devido ao fato de que a interpretação de vídeos de campanhas, por exemplo, para sua veiculação em uma janela de interpretação é, na maioria das vezes, realizada em estúdio sem a presença do público e em condições de interpretação simultânea.

Assim, a situação de interpretação do texto, o qual foi construído para ser veiculado na mídia televisiva, visou simular uma situação comum de interpretação, já vivenciada e conhecida pelos intérpretes. Embora na situação real de *translação* desse tipo de texto para a mídia, o profissional tenha, muitas vezes, o texto e o vídeo disponibilizados antes da realização da interpretação, podendo buscar apoio externo e refazer seu texto alvo, na maioria dos casos o que ocorre é uma interpretação simultânea do vídeo e não uma tradução (SILVÉRIO, et al., 2012). Nessa coleta de dados, optamos pela interpretação, no sentido de que o texto alvo seria registrado em sua primeira e única versão, portanto, embora tivesse acesso ao texto e ao vídeo previamente como insumos, o intérprete não poderia alterar seu texto alvo, visto que faria uma interpretação simultânea orientada pelo áudio do vídeo.

O estudo exploratório evidenciou que para a coleta de dados era necessário se reconsiderar o tipo de insumo a ser disponibilizado ao intérprete, visto que ele não teria acesso ao texto anteriormente. Além disso, decidimos não trabalhar com um texto publicitário ou televisivo, pois não é foco da pesquisa discutir elementos visuais que compõem esse tipo de texto e que interferem na interpretação. Para esse primeiro estudo escolhemos um texto de apenas 30 segundos, sendo que para a pesquisa piloto viu-se a necessidade de um texto mais extenso.

O uso de um texto de 30 segundos, no estudo exploratório, deveu-se justamente ao fato de que um texto com maior duração exigiria métodos de coleta e análise de dados mais bem definidos. Considerando isso, oferecemos ao intérprete mais insumos prévios, inclusive o próprio texto, visto que 30 segundos não são suficientes para que se entre no fluxo da interpretação. Dito de outro modo, para que o intérprete (1) conheça o ritmo em que o texto está sendo produzido; (2) adapte-se ao ritmo; (3) conheça a “maneira de falar” do autor do discurso; (4) acompanhe essa “maneira de falar”; e (5) se contextualize o bastante para garantir qualidade à sua atuação. Acreditamos que um texto mais extenso contribuirá com a tarefa de interpretação, visto que alguns minutos de interpretação já seriam suficientes para que o intérprete entrasse no fluxo da interpretação.

O uso dos protocolos retrospectivos ofereceu importantes elementos para a análise. Entretanto, vimos que os intérpretes tinham dificuldades de falar do que estavam fazendo enquanto assistiam a sua interpretação. Assim, teciam os comentários somente após assistirem ao vídeo todo, permanecendo em silêncio até a conclusão dele. Isso deve-se, basicamente, ao fato de a interpretação durar apenas cerca de 30 segundos. Além disso, vimos que os intérpretes comentavam, prioritariamente, o que consideravam erro e o que achavam que poderia ter sido feito. Poucas eram as menções ao que motivou determinada interpretação. Para que falassem sobre os porquês de suas decisões e escolhas foi necessária a intervenção do pesquisador com algumas perguntas.

Esse fato sinalizou a importância de que o pesquisador já tenha em mente o que quer

observar na interpretação e que, inclusive, possa escolher um texto ou, até mesmo, manipular o texto fonte para que seja capaz de favorecer determinados problemas de interpretação, por exemplo. O pesquisador precisa, também, produzir, previamente, algumas perguntas gerais que possam conduzir a fala dos intérpretes a determinados aspectos da interpretação que interessam à sua investigação, favorecendo, desta maneira, o enfoque dos intérpretes em determinados pontos ou aspectos do processo interpretativo.

Com base na experiência obtida nesse primeiro estudo e em seus resultados, na pesquisa-piloto, privilegiou-se a análise da interpretação do Português para a Libras, observando-se de maneira mais direta os aspectos metodológicos, com o intuito de se verificarem os pontos positivos e as falhas ainda presentes no processo de coleta de dados.

5.2. A pesquisa-piloto

Com base nesses apontamentos, a coleta de dados, inicialmente proposta, foi aperfeiçoada para a realização da pesquisa-piloto. Portanto, num primeiro momento, escolhemos um tema específico relacionado às discussões atuais sobre o processo educacional de surdos e se produziu uma exposição oral, de acordo com a estrutura de uma palestra acadêmica. Consideramos que seria importante que o texto tivesse mais de 05 e menos de 15 minutos, tempo que, a nosso ver, seria suficiente para apresentar bem a temática escolhida e, ao mesmo, tempo desafiar o intérprete. Essa duração permite ao intérprete familiarizar-se com a temática, com o ritmo do texto, com a “maneira de falar” do autor, contextualizando-se o bastante.

Considerando isso, o texto para a pesquisa-piloto ficou com 9 minutos e 48 segundos. Também se privilegiou a velocidade natural da fala e a manutenção da estrutura de uma palestra, semelhante àquelas dos eventos científicos atuais do campo da surdez. Com o texto definido, dois intérpretes experientes realizaram a interpretação simultânea do mesmo, conforme o seguinte: (i) apresentação do tema ao intérprete e filmagem de sua sinalização; (ii) contato com a interpretação realizada (fonte de insumo dirigido) e coleta (registro em vídeo) de TAPs, nesse caso os retrospectivos, como exposto anteriormente.

Ampliando os apontamentos decorrentes do estudo exploratório, a pesquisa-piloto indicou aspectos importantes em relação à coleta dos dados e à sua análise: (a) equipamentos e tecnologias necessários; (b) características do local da coleta. Notamos a não necessidade de um estúdio, visto que a coleta de dados fora do estúdio, desde que feita com os devidos cuidados, pode deixar o intérprete mais a vontade e seguro durante o processo, além de permitir flexibilidade no agendamento com os intérpretes, fator essencial para que se conseguisse realizar a coleta de dados para a pesquisa; (c) informação acerca do público da interpretação; (d) identificação de problemas de interpretação; (e) definição dos problemas a serem focados durante a análise; e, (f) a duração total da coleta. Verificou-se que a identificação dos problemas de interpretação não se relaciona diretamente ao protocolo de pausas (como na investigação do processo de tradução), visto que o intérprete se utiliza, também, de outros mecanismos para lidar com os problemas, além de manter, em diversos momentos, as hesitações e pausas presentes no texto fonte. Além disso, existem algumas outras evidências desses problemas. Foi comum, diante de problemas, o prolongamento da duração de um sinal ou sua repetição, enquanto se reflete sobre um problema, dentre outras marcações corporais.

Na pesquisa-piloto, diferentemente do estudo exploratório, os intérpretes não tiveram

conhecimento do texto fonte, anteriormente à tarefa, mesmo porque se esperava a realização de uma interpretação simultânea. Entretanto, destacamos que a duração do texto foi suficiente para que o intérprete entrasse no fluxo da interpretação: (i) conhecesse o ritmo em que o texto foi produzido; (ii) se adaptasse ao ritmo de produção na interpretação; (iii) conhecesse a “maneira de falar” e a estruturação de ideias de quem falava; (iv) acompanhasse essa estruturação; e (v) se contextualizasse o bastante para garantir qualidade à sua atuação. Com as novas orientações, procedeu-se à definição de um novo texto e à construção do desenho específico à coleta de dados para a pesquisa.

Tanto o estudo exploratório quanto a pesquisa-piloto evidenciaram que um dos fatores que pode contribuir com a investigação do processo de interpretação simultânea para a língua de sinais é a questão do efeito da modalidade sobre a interpretação, visto que ambos permitiram que se observasse que os intérpretes experientes exploram a simultaneidade e a espacialidade, incorporando informações gramaticais nos itens lexicais, as quais são essenciais à construção do significado, à maximização da semelhança interpretativa e das informações que se deseja comunicar e aos efeitos contextuais. O estudo exploratório, demonstrou que os intérpretes novatos tendem a se concentrar na busca de itens lexicais equivalentes para cada palavra do Português. Além disso, o uso de prolongamentos e repetições de sinais como estratégias para lidar com os problemas de interpretação evidenciam certo efeito de modalidade.

Nas pesquisas iniciais, ficou claro que para abordarmos os aspectos processuais da interpretação, os TAPs retrospectivos são muito produtivos, pois, como dito acima, eles evidenciam com mais detalhes reflexões de aspectos inferenciais e de aspectos contextuais relevantes à compreensão do processo tradutório e interpretativo e, também, a análise de como se dá a solução de problemas e as tomadas de decisão em tradução.

Esclarecemos que, tanto no estudo exploratório quanto na pesquisa-piloto, o vídeo da interpretação foi apresentado ao intérprete como fonte de insumo dirigido, com o objetivo de garantir a qualidade dos TAPs retrospectivos. Eles contribuíram com a identificação de problemas de interpretação no texto, muitos destacados pelos intérpretes, e, também, com a verificação da média de duração desses protocolos e do tipo de perguntas que poderiam ser realizadas durante a coleta dos mesmos. Portanto, com a pesquisa-piloto definiram-se: (1) a importância de que os protocolos retrospectivos sejam coletados imediatamente após a realização da interpretação simultânea, com a disponibilização do texto alvo em vídeo (com o áudio do texto fonte tal qual ouvido pelo intérprete no momento de realização da interpretação) como fonte de insumo dirigido; (2) a necessidade de se criarem duas etapas para a coleta dos protocolos: uma primeira etapa, na qual o intérprete não sofre interrupções por parte do pesquisador; e uma segunda etapa, na qual o pesquisador direciona o olhar do intérprete por meio de algumas questões mais pontuais sobre o que ele gostaria que fosse evidenciado no protocolo; e (3) as questões mais práticas e organizacionais da coleta, tais como equipamentos, posicionamentos, materiais etc.

5.3. A definição da pesquisa e o uso dos protocolos

5.3.1. Os sujeitos

Definiram-se dois grupos de intérpretes. A diferença entre esses grupos refere-se ao momento de aquisição ou aprendizado da Libras. Os sujeitos do grupo A, constituído por filhos de surdos sinalizadores, desenvolveram-se em contato com a Libras e o Português desde o nascimento. Dessa maneira, os sujeitos desse grupo adquiriram a Libras e o Português concomitantemente, num processo natural, constituindo-se como bilíngues, nativos em Libras e em Português⁵. Vale dizer que os filhos de surdos são comumente denominados de CODAs (*Children of Deaf Adults*). O grupo B, por sua vez, foi composto por sujeitos não filhos de surdos sinalizadores, os quais adquiriram ou aprenderam a Libras como segunda língua fora do círculo familiar.⁶

Em síntese, contamos com cinco CODAs (três mulheres e dois homens) e com cinco não CODAs (duas mulheres e três homens). Os não CODAs possuem mais de quinze anos de contato e uso da Libras, sendo que um deles possui um irmão surdo sinalizador. É interessante notar que dentre os não CODAs, quatro tiveram sua formação em Libras no âmbito religioso, fato comum, principalmente aos primeiros intérpretes de Libras-Português (QUADROS, 2004; ROSA, 2005; PEREIRA, 2008). Todos os intérpretes participantes da pesquisa são experientes com reconhecida atuação profissional.

5.3.2. O texto fonte

O texto fonte é uma exposição acadêmica sobre “Educação de Surdos” feita por uma professora, da Universidade Federal de Minas Gerais. Como qualquer outro discurso oral, o texto vai sendo planejado ao mesmo tempo em que é produzido. Embora o texto seja bem articulado e estruturado temática, textual e contextualmente, ele possui, também, uma série de marcas da oralidade: hesitações, falsos começos, pausas imprevistas e irregulares, marcadores conversacionais, estruturas de enunciados muito recorrentes, enunciados fragmentados, descontinuidades, adendos inesperados, dentre outras. A velocidade média do texto é de cerca de 143,1 palavras por minuto (PPM) e 2,38 palavras por segundo (PPS).

Em relação à prosódia do texto fonte, consideramos as hesitações e as pausas, propriamente ditas, como importantes marcadores. Portanto, para efeito de segmentação primária do texto fonte, consideraram-se os espaços de silêncio superiores a 100 milésimos de segundo. É necessário esclarecer que o áudio do texto fonte foi inserido no ELAN⁷ e

⁵ Esclarecemos que o fato de ser CODA não garante o acesso à Libras e, por sua vez, sua aquisição. Certamente, vários são os fatores que influenciam o processo de aquisição da língua de sinais por parte dos filhos de surdos. Os CODAs, parte dos sujeitos desta pesquisa, são todos filhos de surdos sinalizadores e tiveram contato com a Libras desde o nascimento, convivendo com a Comunidade Surda e usando a língua de sinais desde a mais tenra idade.

⁶ Para nomear sujeitos escolhemos a letra “C” para os CODAs e a letra “N” para os não CODAs. E como forma de diferenciá-los, os enumeramos de 1 a 10, sendo que os números ímpares referem-se aos CODAs e os números pares aos não CODAs.

⁷ ELAN (*EUDICO Language Annotator*) é um *software* desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, uma ferramenta que permite a criação, edição, visualização e busca de transcrições/anotações através de dados de vídeo e áudio. Ele pode ser baixado no site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> em versões

devidamente transcrito, inclusive utilizando o *Silence Recognizer MPI-PL*, disponível no reconhecedor de áudio do ELAN, o qual possibilitou que o fragmentássemos com base em seus espaços de silêncio, superiores a 100 milésimos de segundo.

Bloco	N.	Texto	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
BLOCO 01 – Apresentação	1	boa noite gente	00:00:00.000	00:00:01.040	00:00:01.040
	2	157	00:00:01.040	00:00:01.197	00:00:00.157
	3	em meu nome é geoliziva	00:00:01.197	00:00:03.001	00:00:01.804
	4	597	00:00:03.001	00:00:03.688	00:00:00.687
	5	e eu vim aqui hoje	00:00:03.688	00:00:04.775	00:00:01.087
	6	124	00:00:04.775	00:00:04.899	00:00:00.124
	7	pra	00:00:04.899	00:00:05.530	00:00:00.631
	8	110	00:00:05.530	00:00:05.640	00:00:00.110
	9	fazer algumas reflexões pra vocês sobre	00:00:05.640	00:00:07.989	00:00:02.349
	10	257	00:00:07.989	00:00:08.348	00:00:00.357
	11	a	00:00:08.348	00:00:08.562	00:00:00.216
	12	169	00:00:08.562	00:00:08.731	00:00:00.169
	13	educação de surdos na alcaidade	00:00:08.731	00:00:10.783	00:00:02.052
	14	489	00:00:10.783	00:00:11.272	00:00:00.489
	15	e principalmente a respeito do ensino de língua portuguesa pra surdos	00:00:11.272	00:00:15.293	00:00:04.021
	16	1350	00:00:15.293	00:00:16.543	00:00:01.250
	17	em minha apresentação vai ser sucinta mas espero que a gente possa	00:00:16.543	00:00:20.333	00:00:03.690
	18	320	00:00:20.333	00:00:20.853	00:00:00.520
	19	desenvolver um novo olhar	00:00:20.853	00:00:22.143	00:00:01.290
	20	430	00:00:22.143	00:00:22.573	00:00:00.430
	21	sobre o ensino de português pra esse grupo	00:00:22.573	00:00:25.137	00:00:02.564
	22	1139	00:00:25.137	00:00:26.276	00:00:01.139

TABELA 1 – O texto fonte segmentado com base em suas pausas (insumo para os TAPs).

Assim, com o intuito de melhor organizar o texto fonte, ele foi segmentado em 484 fragmentos. Como podemos observar na tabela, o conteúdo do texto fonte fragmentado foi devidamente enumerado, sendo que os fragmentos pares correspondem aos espaços de silêncio e os ímpares ao texto propriamente dito.

5.3.3. A tarefa

Como tarefa, solicitou-se aos sujeitos que interpretassem para a Libras uma exposição acadêmica em Português, com duração de 13'30", a respeito da “Educação de Surdos”. Consideramos que a temática do texto fonte é comum aos intérprete, visto que é um conteúdo corriqueiro nos eventos acadêmicos atuais da área de surdez. Para a tarefa foram dadas as seguintes instruções: (1) o texto é uma exposição acadêmica sobre a Educação de Surdos; (2) a duração do texto é de 13'30"; e (3) por ser uma interpretação, não será dado acesso anterior ao texto fonte e, portanto, não é possível parar e reiniciá-lo.

5.3.4. A coleta dos dados

Com os perfis dos grupos A e B definidos e a tarefa determinada, seguimos à organização da coleta de dados. Para a coleta estabelecemos três etapas distintas: Etapa A (Tarefa) – interpretação simultânea do texto (disponibilizado em áudio); Etapa B (Protocolo Verbal Livre) – contato com a interpretação e coleta livre dos TAPs Retrospectivos; e Etapa C

compatíveis com Windows e Mac. No site encontram-se todas as informações sobre o *software*, bem como manuais e um fórum de usuários.

(Protocolo Verbal Dirigido) – foco em um trecho específico da interpretação (Bloco 6) e coleta dos TAPs direcionada por perguntas.

Ao fim da etapa C, realizamos algumas perguntas visando à identificação mais detalhada do perfil dos intérpretes. Para a implementação do processo de coleta de dados, utilizamos: (1) duas filmadoras⁸ com tripés, devidamente posicionadas em cada etapa da coleta; (2) um *Notebook*, para o contato com a interpretação e coleta dos TAPs; (3) texto fonte impresso e dividido em partes, para auxiliar a localização de trechos da interpretação simultânea, permitindo destaques e registros; (4) caixas de som, para garantir uma boa altura e, portanto, inteligibilidade do áudio; e (5) fones de ouvido, para que, durante a coleta dos TAPs livres, o áudio do texto interpretado não interferisse no registro do áudio dos TAPs.

Etapa A – Tarefa



FIGURA 1 – Organização espacial da etapa A – registro da tarefa
Fonte: Rodrigues, 2013, p.91

Antes de iniciar o registro da tarefa eram dadas as devidas instruções, como descrito acima. E, também, verificamos se a iluminação estava adequada, se o enquadre do intérprete nas duas filmadoras era apropriado e se a altura do som estava boa para o ambiente e para o intérprete.

Após a tarefa de interpretação e, conseqüentemente, o registro do texto alvo em vídeo (Etapa A), apresentamos ao intérprete esse registro para que o mesmo pudesse revê-lo durante sua interpretação, tecendo comentários sobre como chegou àquele texto: dificuldades, escolhas, decisões, estratégias, etc. Assim, com os TAPs Livres (Etapa B) devidamente gravados, coletamos os TAPs dirigidos (Etapa C).

Etapa B – Protocolos Verbais – Parte 1



FIGURA 2 – Organização espacial da etapa B – TAPs livres. *Fonte: Rodrigues, 2013, p.92*

⁸ O uso de duas filmadoras visou garantir o registro dos dados. Assim, caso uma filmadora falhasse, ainda teríamos a outra gravando.

Etapa C – Protocolos Verbais – Parte 2

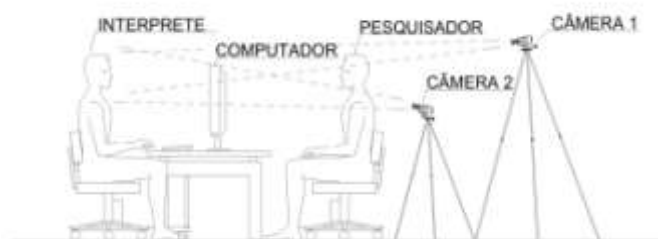


FIGURA 3 – Organização espacial da etapa C – TAPs dirigidos
Fonte: Rodrigues, 2013, p.92

Com a tarefa registrada e os protocolos devidamente gravados, procedemos à transcrição dos textos alvo, os quais estavam em Libras, e dos TAPs, em Português.

6. Os Protocolos verbais no desenvolvimento da pesquisa

Durante os TAPs Livres, o intérprete ficava a vontade para transitar pela interpretação com intervenção mínima do pesquisador, verbalizando aquilo que achava importante mencionar. Já nos TAPs Dirigidos, as verbalizações do intérpretes foram, também, motivadas pelas perguntas do pesquisador. Assim, os TAPs Dirigidos permitiram que o pesquisador interagisse com o intérprete sobre alguns aspectos importantes à investigação, garantindo que todos os intérpretes, de alguma maneira, se referissem a eles. Os TAPs Livres e os Dirigidos tiveram durações variadas, como podemos observar a seguir:

Duração dos Protocolos Verbais		
	TAPs Livres	TAPs Dirigidos
C1	34'41"	17'14"
N2	34'14"	06'07"
C3	25'22"	14'13"
N4	44'08"	20'40"
C5	27'59"	13'56"
N6	48'51"	14'51"
C7	26'28"	07'16"
N8	24'25"	18'55"
C9	25'26"	10'03"
N10	31'19"	14'43"

TABELA 2 – Duração dos protocolos

Os TAPs Livres, coletados em Português, foram marcados por diversos momentos de silêncio e, também, pelo uso de sinais da Libras. Enquanto assistia à sua interpretação, o intérprete verbalizava livremente as motivações e os porquês de sua sinalização. Essa verbalização, como mencionamos, possui diversos momentos de silêncio: momentos nos quais o intérprete apenas assistia à sua sinalização sem tecer nenhum comentário, nem em Português nem em Libras.

Considerando, portanto, que o tempo total de duração dos TAPs, apresentado acima, não representa diretamente o tempo total de fala do intérprete, julgamos relevante apresentar a distribuição do tempo de fala e de silêncio durante os protocolos. Assim, os gráficos a seguir nos oferecem uma visão geral do tempo de fala e de silêncio em relação à duração total dos TAPs. O primeiro gráfico representa o tempo de fala e de silêncio nos TAPs Livres e o segundo, por sua vez, representa o tempo de fala do intérprete, de perguntas do pesquisador e os silêncios. Vale esclarecer que só foram considerados nesta contabilização os silêncios superiores a 250 milésimos de segundo.

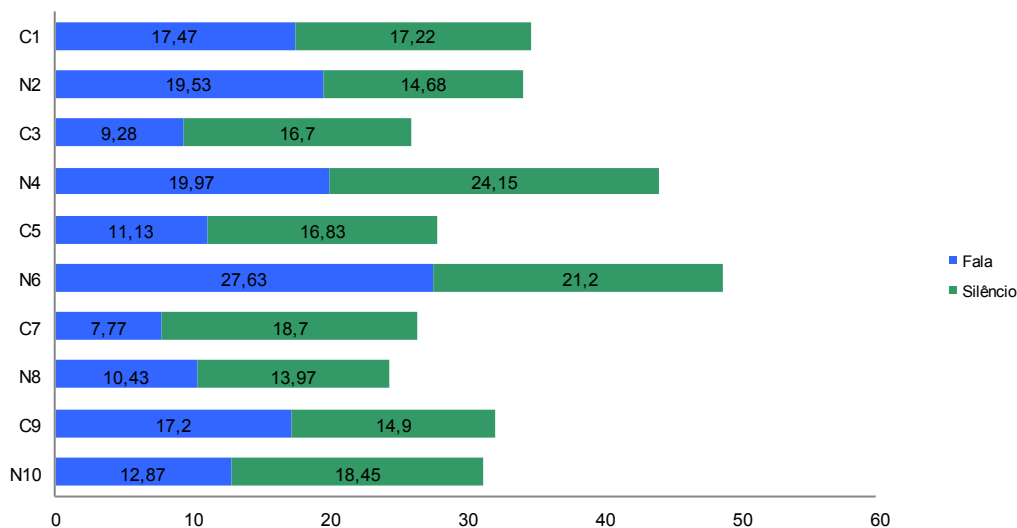


GRÁFICO 1 – TAPs livres: fala e silêncio

Fonte: Rodrigues, 2013, p.101

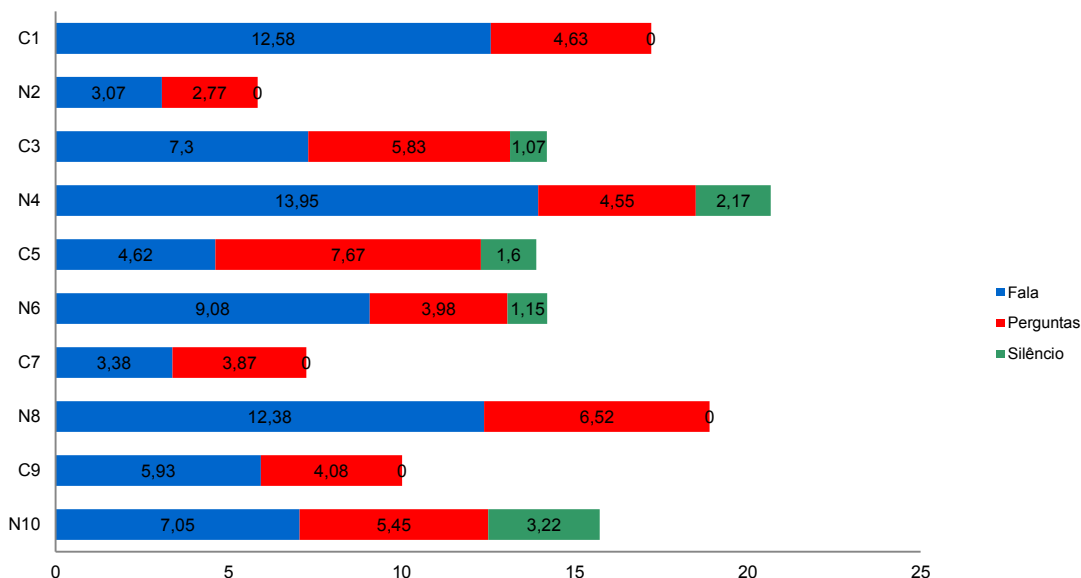


GRÁFICO 2 – TAPs dirigidos: perguntas, fala e silêncio

Fonte: Rodrigues, 2013, p.101

Observamos nos gráficos acima que o tempo de silêncio durante os TAPs Livres é significativamente maior que os silêncios nos TAPs Dirigidos. Além disso, nos TAPs Livres, mais da metade dos intérpretes possuem um tempo de silêncio maior que o tempo de fala. Esse aspecto pode estar relacionado a diferentes fatores, dentre os quais podemos citar: (i) o fato de não se ter experiência com esse tipo de método de introspecção; e (ii) a dificuldade de se verbalizar as escolhas e tomadas de decisão. Vimos que, embora os intérpretes tenham falado bem menos nos TAPs Dirigidos, seu tempo de silêncio foi mínimo e suas verbalizações bem mais focadas. Vale esclarecer que o silêncio nos TAPs Dirigidos refere-se aos momentos em que os intérpretes estavam procurando algum trecho do texto fonte para o reverem e assim confirmarem o que fizeram.

7. Os Protocolos verbais e as línguas de diferentes modalidades

Outro aspecto interessante é o uso de diversos sinais da Libras durante a verbalização. Podemos citar as seguintes motivações para esse uso de sinais: (i) retomar um sinal ou mais sinais usados durante a interpretação, destacando-os; (ii) apontar um sinal ou uma construção, possivelmente, mais adequados à interpretação; ou (iii) simplesmente complementar e/ou apoiar a fala. Nesse último caso, bem comum durante os protocolos, os sinais fluem naturalmente junto a fala, sem serem destacados, mencionados ou retomados pelos intérpretes, sendo que, em alguns casos, a fala acontece como apoio à sinalização. Esse fato é possível devido à diferença de modalidade entre o Português e a Libras, o que possibilita que a pessoa possa produzir uma palavra do Português, exatamente, ao mesmo tempo em que faz um sinal da Libras, ou vice versa.

É interessante notarmos que durante os protocolos encontramos momentos em que há alternância de códigos (*code-switch*). O intérprete está falando em Português e, por um instante, não pronuncia nenhuma palavra e fala em sinais. Ou está usando sinais e, de repente, interrompe a sinalização e insere uma palavra em Português. Entretanto, esses momentos de alternância de códigos foram bem menos frequentes que os momentos em que o intérprete usa as duas línguas ao mesmo tempo (*code-blend*). Dito de outro modo, do que aqueles momentos em que o intérprete está falando em Português e faz um sinal ao mesmo tempo em que pronuncia uma palavra, ou está sinalizando e fala uma palavra sem interromper sua sinalização.

Ao contrário do que ocorre quando os intérpretes intermodais interpretam, do Português para a Libras, por exemplo, e precisam controlar a produção da fala oral junto à sinalização, durante os protocolos os intérpretes não precisavam impedir a produção simultânea das duas línguas. Portanto, suas reflexões, em diversos momentos, manifestaram-se por meio de elementos das duas línguas alternadamente ou, principalmente, ao mesmo tempo. Nas palavras de Emmorey, Borinstein e Thompson (2005, p.671 *apud* METZGER; QUADROS 2012, p.45), “bilíngues em ASL-Inglês [Língua de Sinais Americana-Inglês] produzem *code-blends*, ao invés de *code-switches*. Bilíngues bimodais não interrompem sua fala para fazer sinais ou param de sinalizar para falar. Ao contrário, eles falam e sinalizam simultaneamente quando estão em um modo bilíngue de comunicação”.

Vejamos a quantidade de sinais empregados pelos intérpretes durante os TAPs Livres e, em seguida, durante os TAPs Dirigidos.⁹

⁹ Contabilizamos cada sinal individualmente, independente se aparece isoladamente ou formando um enunciado.

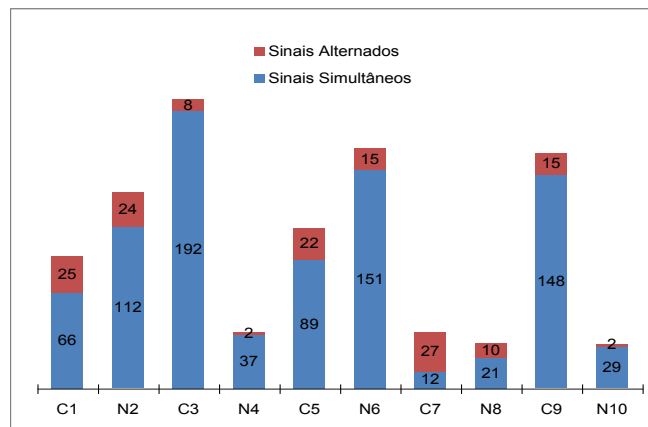


GRÁFICO 3 – TAPs livres: uso de sinais

Fonte: Rodrigues, 2013, p.103

Observamos no gráfico acima que o uso de sinais nos TAPs Livres variou de trinta e um sinais (N8 e N10) a duzentos sinais (C3). Portanto, temos os intérpretes que realizaram até cinquenta sinais (N4, C7, N8 e N10), aqueles que realizaram mais de cinquenta e menos de cem (C1), aqueles que realizaram mais de cem e menos de cento e cinquenta sinais (N2 e C5) e aqueles que realizaram mais de cento e cinquenta sinais (C3, N6 e C9).¹⁰

Podemos observar também que foi recorrente o uso simultâneo de elementos das duas línguas (*code-blend*). Na maioria dos intérpretes a quantidade de sinais realizados junto à fala corresponde a mais de 70% dos sinais realizados. Somente na fala de um dos intérpretes (C7) encontramos uma quantidade significativamente maior de sinais feitos sem o acompanhamento da fala oral (cerca de 70%). Isso corrobora o que tem sido apontando por algumas pesquisas: “devido às distintas modalidades permitirem a co-produção de enunciados de ambas as línguas, a alternância de códigos (*code switching*) é muito menos comum” (EMMOREY; BORINSTEIN, THOMPSON, 2005 apud METZGER, QUADROS, 2012, p.45). Vejamos como foi o uso de sinais durante os TAPs Dirigidos.

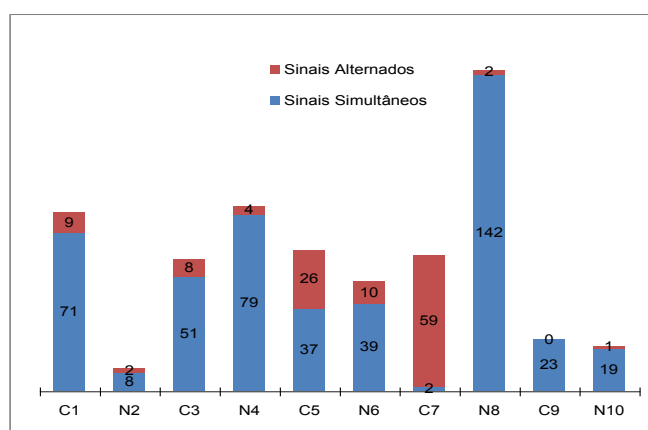


GRÁFICO 4 – TAPs Dirigidos: uso de sinais

Fonte: Rodrigues, 2013, p.104

¹⁰ Note que não consideramos a relação entre a duração de cada protocolo e a quantidade de sinais usados, mesmo porque essa relação não se apresenta como diretamente proporcional.

Vemos no gráfico acima que o uso de sinais durante os TAPs Dirigidos variou de dez sinais (N2) a cento e quarenta e quatro sinais (N8). Portanto, temos os intérpretes que realizaram até trinta sinais (N2, C9 e N10), aqueles que realizaram mais de trinta e menos de sessenta (C3 e N6), aqueles que realizaram mais de sessenta e menos de noventa sinais (C1, N4, C5 e C7) e aqueles que realizaram mais de noventa sinais (N8). Vemos que os intérpretes se comportaram de maneiras distintas durante cada protocolo, sendo que a quantidade de sinais usada varia significativamente. Entretanto, em relação ao uso de sinais simultaneamente ou não à fala, a proeminência do *code-blend* se mantém, embora, novamente, o intérprete C7 tenha alternado mais entre fala e sinal, ao invés de usar as palavras e os sinais simultaneamente.

Conclusão

Considerando a sobrecarga cognitiva provocada pelos protocolos verbais concomitantes e a impossibilidade de, por meio dos protocolos verbais, termos acesso imediato aos processos cognitivos automáticos, vimos que o uso consciente de protocolos verbais retrospectivos contribui significativamente com a investigação do processo de interpretação simultânea.

Os protocolos retrospectivos possibilitam a obtenção de aspectos processuais da interpretação, ampliando as possibilidades de análises e reflexões, ao fornecerem dados consistentes sobre, por exemplo, as dificuldades dos intérpretes durante a interpretação. Portanto, com os protocolos retrospectivos podemos acessar as reflexões subjetivas acerca da atividade de interpretação e, assim, tecermos inferências acerca das escolhas, das tomadas de decisão e dos processos de solução de problemas vivenciados durante a interpretação. Esses protocolos nos fornecem dados adicionais sobre o processamento cognitivo, mostrando-se como um produtivo método de coleta de dados processuais.

Como observamos acima, é necessário que vários cuidados sejam tomados no planejamento e na coleta dos protocolos verbais retrospectivos para que, assim, eles possam ser potencializados e o acesso ao processamento cognitivo maximizado. Nesse sentido, é importante que o desenho experimental da pesquisa defina previamente em que condições os protocolos serão coletados, estabelecendo: (i) o tipo de insumo(s) a ser(em) disponibilizado(s) ao intérprete no momento da coleta; (ii) o momento em que os protocolos serão coletados (se imediatamente após a tarefa ou se posteriormente); (iii) as tecnologias e os equipamentos necessários à coleta e ao seu registro; e (iv) se haverá mais de uma etapa na coleta dos protocolos (etapa de protocolos livres e de dirigidos, por exemplo), dentre outros.

The use of Think-aloud Protocols to investigate the simultaneous interpreting process from Portuguese into Libras

ABSTRACT: In this article, the use of Think-aloud Protocols (TAPs) is discussed as an important data collecting method of the intermodal simultaneous interpreting process. For this, the construction of the experimental design to a research, which has investigated the simultaneous interpreting from Portuguese into the Brazilian Sign Language, has been taken as basis. Furthermore, the use of TAPs in data collecting for research is presented and some of its aspects and peculiarities are discussed. To sum up, retrospective TAPs have been helpful to a more detailed view of inferential and contextual aspects, which are relevant to the understanding of the simultaneous interpreting process (Portuguese-Libras).

Keywords: think-aloud protocols; translation process; simultaneous interpreting; Sign Language; Libras.

Referências

ALVES, F. *Zwischen Schweigen und Sprechen: Wie bildet sich eine transkulturelle Brücke? – eine psycholinguistisch orientierte Untersuchung von Übersetzungsvorgängen zwischen brasilianischen und portugiesischen Übersetzern*. Hamburgo: Dr. Kovac, 1995.

ALVES, F. Lançando anzóis: uma análise cognitiva de processos mentais em tradução. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.2, n.4, p. 77-90, 1996.

ALVES, F. A Teoria da Relevância aplicada aos estudos tradutórios. In: VIEIRA, E. R. P. V. (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 1996c. p.184-205.

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. *Revista TradTerm*, v.4, n.2, p.19-40, 1997.

ALVES, F. A Triangulação como Opção Metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. S. *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001. p.69-92.

ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. *D.E.L.T.A*, v. 19, n. esp.: trabalhos de tradução, p. 71-108, 2003.

ALVES, F. Ritmo Cognitivo, meta reflexão e experiência: parâmetro de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. (Orgs.) *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.109-172.

ALVES, F. Cognitive effort and contextual effect in translation: a relevance theoretic approach. *Journal of Translation Studies*. v.10, n.1, 2007, p.57-76.

ALVES, F., GONÇALVES, J. L. V. R. A relevance-theoretic oriented approach to the investigation of inferential processes in translation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process oriented research*, Amsterdam: John Benjamins, 2003, v.45, p.3-24.

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. V. R. Modelling translator's competence: relevance and expertise under scrutiny. In: GAMBIER, Y.; SCHLESINGER, M.; STOLZE, R. (Eds.). *Translation studies: doubts and directions. Selected papers from the IV Congress of the European Society for Translation Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 41-55.

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. Autonomy in translation: approaching translators' education through awareness of discourse processing. *Cadernos de Tradução*, n.10, v.2, 2002, p.167-192.

CARVALHO NETO, G. L. Metarrepresentação em tradução: uma análise relevantista dos processos inferenciais de tradutores expertos na tradução de textos sensíveis (sagrados). 2010. 353f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

COHEN, A. *Strategies in learning and using a second language*. London: Longman, 1998.

DENZIN, N. K. *The research act*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice Hall, 1989.

DÖRNYEI, Z. *Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative and mixed methodologies*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R. Bimodal bilingualism: Code-blending between spoken English and American Sign Language. In: COHEN, J.; McALISTER, K.; ROLSTAD, K.; MACSWAN, J. (Ed.). *Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005.

ERICSSON, K. A.; SIMON, H. A. *Protocol analysis: verbal reports as data*. Cambridge: MIT Press, 1984/1993.

FÆRCH, C.; KASPER, G. From product to process: introspective methods in second language research. In: FÆRCH, C.; KASPER, G. (Eds.). *Introspection in second language research*. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987. p.3-23.

FRASER, J. The translator investigated: Learning from translation process analysis. *The Translator*, v.2, n.1. 1996, p.65-79.

GERLOFF, P. Identifying the Unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: CLAUS, F.; KASPER, G. (ed.) *Introspection in Second Language Research*. Clevedon; Philadelphia: Multilingual Matters, 1987, p.35-58.

GONÇALVES, J. L. V. R. *Processos inferenciais relacionados à priorização de informações na tradução de legendas de filmes: o redundante e o relevante sob a ótica do princípio de relevância*. 141f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

GONÇALVES, J. L. V. R. *O desenvolvimento da competência do tradutor: investigando o processo através de um estudo exploratório-experimental*. 241f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

IANOVA, A. The Use of Retrospection in Research on Simultaneous Interpreting. In: TIRKKONEN-CONDIT, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. (Eds.) *Tapping and mapping the process of translation and interpreting*, Benjamins: Amsterdam, 2000. p. 27-52.

JÄÄSKELÄINEN, R. Think-aloud Protocols. In: BAKER, M. *Routledge encyclopedia of translation studies*. New York: Routledge, 1998. p.265-269.

JAKOBSEN, A. L. Logging target text production with Translog. In: HANSEN, G. (Ed.). *Probing the process in translation: methods and results*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 1999. p. 9-20.

JAKOBSEN, A. L. Translation drafting by professional translators and by translation students. In: HANSEN, G. (Ed.). *Empirical translation studies: process and product*. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2002. p. 191-204

JAKOBSEN, A. L. Effects of think aloud on translation speed, revision and segmentation. In: ALVES, F. (Ed.). *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdã: John Benjamins, 2003. p. 69-95

JOHNSON, D. *Approaches to research in second language learning*. New York: Longman, 1992.

KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht*. Eine empirische Untersuchung zur Struktur des Übersetzungsprozesses an fortgeschrittenen Französischlernern. Tübingen: Narr, 1986.

LÖRSCHER, W. A Model for the Analysis of Translation Processes within a Framework of Systemic Linguistics. *Cadernos de Tradução*, n.10 v.2, 2002, 97-112.

LÖRSCHER, W. Investigating the translation process. *Meta*. n.37, v.3. 1992. p.426-39.

LÖRSCHER, W. *Translation performance, translation process and translation strategies*. Tübingen: Narr. 1991.

METZGER, M.; QUADROS, R. M. Cognitive Control in Intermodal Bilingual Interpreters. In: QUADROS, R. M.; FLEETWOOD, E.; METZGER, M. *Signed Language Interpreting in Brazil*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2012. p. 43-56.

PAGANO, A. S. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PEREIRA, M. C. P. Interpretação Interlingüe: as especificidades da interpretação de língua de sinais. *Cadernos de Tradução*. n.XXI, v.1, 135-156, Florianópolis: UFSC, PGET, 2008.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa*. Brasília: MEC, 2004.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. 243f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada/ Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

ROSA, A. S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete* – Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SÉGUINOT, C. Some thoughts about think-aloud protocols. *Target* 8/1. 1996. p.75-95.

SILVÉRIO, C. C. P. et al. Reflexões sobre o processo de tradução-interpretação para uma língua de modalidade espaço-visual. *Anais do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*. Florianópolis: PGET UFSC, 2012. p. 01-07.

SHLESINGER, M. Interpreting as a Cognitive Process: How Can We Know What Really Happens? In: TIRKKONEN-CONDIT, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. (eds.), *Tapping and Mapping the Process of Translation and Interpreting*. Benjamins: Amsterdam, 2000. p.3-15.

TIRKKONEN-CONDIT, S. *Empirical Research in Translation and Intercultural Studies*. Tübingen: Gunter Narr, 1991.

VIK-TUOVINEN, G. Interpreting as a Cognitive Process: How Can We Know What Really Happens? In: TIRKKONEN-CONDIT, S.; JÄÄSKELÄINEN, R. (eds.). *Tapping and mapping the process of translation and interpreting*. Benjamins: Amsterdam, 2000. p.17-26.

Data de envio: 26/05/2014

Data de aceite: 21/01/2015

Data de publicação: 30/04/2015